

**DESIGUALDADE E MERCADO DE TRABALHO: UM ESTUDO COM  
ADOLESCENTES E SUA ESCOLHA PROFISSIONAL**

**INEQUALITY AND THE JOB MARKET: A STUDY WITH  
ADOLESCENTS AND THEIR PROFESSIONAL CHOICE**

Carolina Barros da Costa<sup>1</sup>

Débora Carneiro Zuin<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este estudo enfoca questões relativas à desigualdade e ao mercado de trabalho e a relação desses temas com o futuro profissional de jovens e adolescentes que vivem em áreas menos favorecidas. A desigualdade social no Brasil é uma questão de preocupação, que afeta os jovens na sua escolha profissional, agravada devido à falta de preparação e de experiência para escolha. Esta pesquisa foi realizada entre agosto de 2017 e junho de 2018 objetivando analisar as escolhas e intenções profissionais de jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica bem como averiguar os efeitos da desigualdade social na escolha de uma profissão. O estudo teve cunho qualitativo e utilizaram-se questionários e observação participante como métodos de coleta de dados. Conclui-se que os jovens acreditam que escolher uma profissão é algo sério e a escolha é única; portanto, ao escolher uma profissão, os jovens creem que eles devem trabalhar naquela profissão permanentemente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escolha profissional. Adolescente. Desigualdade.

**ABSTRACT:** This study focuses on issues related to inequality and the job market and the relationship of these issues with the future professional of young people from less favored areas. Social inequality in Brazil is a matter of concern, which affects young people in their professional choice, aggravated by the lack of preparation and experience. This research was carried out between August 2017 and June 2018 aiming to analyse the professional choices and intentions of young people in situation of socioeconomic vulnerability and to investigate the effects of social inequality in the choice of a profession. The study was qualitative and questionnaires and participant observation were used as methods of data collection. It is concluded that young people believe that choosing a profession is a serious matter and for most the choice is unique; therefore, in choosing a profession, young people believe that they should work on it permanently.

**KEYWORDS:** Professional Choice. Teenagers. Inequality.

## **INTRODUÇÃO**

A desigualdade, aqui abrangendo a social, pode ser definida, segundo Santos (2010), como uma aquisição desigual de materiais e bens sendo, aquela, um produto das divisões sociais. Já de acordo com Henriques (2001) a desigualdade não reconhece a cidadania para todas as pessoas uma vez que os direitos e as oportunidades são diferentes. Figueiredo (2013) aponta que a desigualdade social iniciou a partir do momento em que o homem passou a ter controle sobre a natureza; quando houve, então, a exploração do

---

<sup>1</sup> Mestranda em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. E-mail: carolbcufv@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Organizacionais pela University of Edinburgh, Escócia. Professora Adjunta III da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. E-mail: dzuin@ufv.br

homem pelo homem. Figueiredo (2013) e Wlodarski e Cunha (2005) apontam que a desigualdade se agravou, tornando-se heterogênea e complexa, a partir da revolução industrial e com o advento do capitalismo.

Esta pesquisa aborda questões relativas à desigualdade e ao mercado de trabalho e a relação desses temas com o futuro profissional de jovens e adolescentes que vivem em áreas menos favorecidas.

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar as escolhas e intenções profissionais de jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica bem como averiguar os efeitos da desigualdade social na escolha de uma profissão, tendo como objetivos: identificar a percepção sobre planos de carreira dos jovens, identificar e analisar as escolhas dos jovens e adolescentes quanto ao seu futuro profissional e levantar qual o conhecimento que os jovens têm sobre o atual mercado de trabalho e suas oportunidades.

A pesquisa justifica-se pela relevância em apresentar a perspectiva de jovens e adolescentes de áreas menos favorecidas em relação a sua escolha profissional, verificando aí qual a relação da desigualdade social em que se encontram com suas escolhas profissionais. A pesquisa traz uma contribuição prática para nortear ações de políticas públicas dentro das temáticas abordadas.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **Ser adolescente**

Segundo Mansano (2011) o aparecimento da noção do adolescente como uma faixa etária, ou seja, como um intervalo entre infância e vida adulta se deu no século XIX. E, a partir desse século, quando ocorreu o momento de conceituação, a adolescência passou a ser estudada por diferentes campos do saber, como indicado no estudo de Teixeira e Chamorro (2005).

Conforme relato no estudo de Ferreira (2017), o adolescente corresponde ao ser que apresenta idade entre doze e dezoito anos. Autores como Teixeira e Chamorro (2005), Teixeira e Hashimoto (2005), Lara *et al.* (2005) e Noronha *et al.* (2010) evidenciam, em seus trabalhos, a adolescência como a fase de transição da criança para o ser adulto. Os autores mostram que o jovem passa por um conflito e desequilíbrio uma vez que ele deve deixar de ter atitudes e aspectos infantis e deve começar a ter e tomar decisões maduras; típicas de adultos.

O adolescente, nesta fase em que está sofrendo mudanças físicas e psicológicas, deve escolher e ter um posicionamento profissional (TEIXEIRA; HASHIMOTO, 2005; ROSSI, 1999) e dentro dessa mesma fase, é passado para ele uma necessidade de que se tome uma decisão correta e certa sobre o mundo do trabalho e futuro profissional (MANSANO, 2011).

### **O antes e o agora**

Antigamente, a família participava de forma absoluta na escolha profissional de seus filhos (COLOGNESE, 2000). No estudo de Barreto e Aiello-Vaisberg (2007), esta escolha realizada pelos progenitores era considerada certa e segura. "Eram os pais que diziam quem seria padre, quem estudaria, e se estudaria direito ou medicina" (BARRETO; AIELLO-VAISBERG, 2007, p.7). Já nos estudos de Almeida e Magalhães (2011), muitas vezes o sobrenome da família era que indicava qual a profissão os membros deveriam seguir.

De acordo com Barata e Bueno (1999 apud ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011), na obra intitulada "Dicionário das famílias brasileiras", existem diversos sobrenomes tomados de profissões, principalmente aqueles de origem germânica, como "Zimmermann" (que significa carpinteiro, marceneiro), "Schmidt" (ferreiro), "Schröder" (alfaiate) e "Müller" (moleiro) (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011).

Logo, se percebe que não existia uma escolha profissional, propriamente dita, uma vez que os filhos deveriam seguir escolhas indicadas pelos pais ou seguir o ofício exercido pela família.

Com a implantação do capitalismo, além de ter surgido um número muito maior de profissões, o trabalho se desenvolveu e a relação da família com aquele se modificou (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011). A partir de então, para a escolha da profissão, as habilidades, interesses e dons passaram a ser levados em conta (COLOGNESE, 2000), bem como a remuneração do trabalho e o status advindo da classe trabalhista passaram a ser fatores importantes.

Segundo Barreto e Aiello-Vaisberg (2007, p.7), atualmente há um "avanço da liberdade individual". Hoje, contamos com um leque muito grande e variado de profissões fazendo com que a possibilidade de escolha seja vasta; variando desde cursos de graduação a especialização (BARRETO; AIELLO-VAISBERG, 2007) e cursos técnicos

e livres de formação profissional. Contudo, Almeida e Magalhães (2011) apresentam que, apesar desta liberdade na escolha profissional, o indivíduo, ao fazer sua opção, sofre influência de diversos meios como o ambiente, a família e os amigos (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011; PACHECO *et al.*, 2017), além de, em alguns casos, o indivíduo tomar tal decisão em função da remuneração ou status.

### **Influência na escolha profissional**

A família tem um papel fundamental na escolha da profissão dos jovens. Segundo os autores Pacheco *et al.* (2017) e Almeida e Pinho (2008), esta influência pode ocorrer por meio da ajuda, na escolha propriamente dita, e por meio de apoio, onde a influência pode ocorrer de forma clara, tênue ou até mesmo dominante.

Desde que o indivíduo nasce, a família cria uma série de expectativas sobre os mais diversos assuntos para com ele. Na questão profissional, o indivíduo pode vir a receber conselhos, dicas e sugestões de membros que colocam sonhos e projetos naquele ser (ALMEIDA; PINHO, 2008). Essa expectativa criada pelo âmbito familiar pode, de alguma forma, vir a influenciar ou refletir na escolha profissional do jovem. Além disso, Almeida e Pinho (2008) apontam que familiares podem impulsionar desejos e profissões não alcançadas por eles mesmos para o adolescente; ou ainda, os familiares podem impedir o jovem de realizar a profissão daqueles por conta de frustrações com o próprio trabalho. No escrito de Almeida e Magalhães (2011), os autores apresentam um estudo de Ramos e Lima (1996) em que foi observado que mais de 80% dos jovens realizam a escolha profissional de acordo com as projeções e opiniões dadas pelas famílias.

Quando o jovem opta por escolher seguir a profissão que os pais desejaram ter seguido ou opta por uma profissão que os pais influenciam, Ferreira (2017) explica que aquele tem esperança de ser feliz, por ter seguido a opinião dos pais, que são considerados pessoas mais experientes, como também fazer os pais felizes graças à escolha feita.

No estudo feito por Lara *et al.* (2005), as autoras ressaltam que, às vezes, a influência que os pais e familiares em geral têm para com os jovens pode ocorrer de forma tão sutil que pode ser que o mesmo não venha a percebê-la. Já Colognese (2000) acredita que os pais e familiares vêm transferindo a orientação profissional para professores e outros profissionais considerados mais capacitados.

Além da influência familiar, que é estudada por muitos autores, os amigos também aparecem em estudos como possíveis influenciadores na escolha profissional dos jovens. Lara *et al.* (2005) e Pereira e Garcia (2007), apontam as amizades com pares como algo capaz de dar apoio e influenciar uns aos outros. Entende-se que, com os amigos, há a discussão de profissões, troca de experiências e sentimentos ocorrendo um "apoio imediato fora da esfera familiar" (PEREIRA; GARCIA, 2007, p.4).

Ademais, outras influências também são estudadas e podem vir a ser sentidas pelos jovens. Em estudos como o de Pacheco *et al.* (2017), Almeida e Magalhães (2011) e Lara *et al.* (2005) percebe-se que a influência pode ser sentida em escolas, igrejas e clubes. Além disso, no estudo de Bright *et al.* (2005) citado por Pereira e Garcia (2007), os professores foram considerados como segundo fator mais influenciador. Por fim, Lara *et al.* (2005) citam que além dos pais, a condição financeira também é uma grande influenciadora da escolha profissional. Isso porque a condição financeira da família acaba por expor o indivíduo a um contexto de trabalho e de informação que vai influenciar de certa forma a escolha profissional dos membros desta família.

### **A escolha e suas provocações**

Os jovens, segundo Pacheco *et al.* (2017), consideram que a decisão sobre a escolha profissional é séria e duradoura, o que faz com que a eleição profissional seja vista como desafiadora. Segundo os autores citados, pelo fato de ser a primeira séria decisão que os adolescentes terão que fazer sobre o futuro, podendo afetar toda a vida, os jovens podem sofrer uma série de provocações em detrimento da escolha profissional (PACHECO *et al.*, 2017).

A alteração do estilo de vida, após a decisão profissional, foi exemplificada nos estudos de Almeida e Pinho (2008) em que foi mostrado que a escolha pode vir a mudar os ambientes que o jovem frequenta bem como a rotina e as pessoas com quem o mesmo convive. Devido a esta possível mudança, aqueles podem apresentar aflições, conflitos e ansiedades ao ter que fazer a opção profissional (ALMEIDA; PINHO, 2008). Além disso, os autores apontam que, pelo fato de a escolha ocorrer na adolescência, o jovem passa por uma série de crises em que a palavra crise "adquire [...] um sentido amplo denotando, em chinês, [...] o sentido de 'perigo' (ou risco) e 'oportunidade' " (LEVINSON, 1990 *apud* ALMEIDA; PINHO, 2008, p.4).

Além dos sentimentos de angústia e ansiedade, Colognese (2000) destaca que os jovens consideram a escolha profissional como uma escolha para o resto da vida o que os confunde pois eles ainda estão passando por mudanças físicas, hormonais e emocionais e devem tomar importante decisão em meio a modificações. A autora, assim como Pacheco *et al.* (2017) confirmam a seriedade sabida na escolha da profissão uma vez que esta é considerada, por ambos autores e pelos adolescentes estudados, como a escolha mais séria da fase.

Ademais, Colognese (2000) apresenta que além das dificuldades já conhecidas, sejam elas sociais ou sentimentais graças à adolescência, a escolha profissional vem acompanhada de grandes angústias uma vez que os jovens acreditam que a escolha seja única e os mesmos devem optar pela profissão num curto espaço de tempo chamado "agora".

Alguns autores apresentaram, em seus estudos, possíveis justificativas para a manifestação das emoções referidas. Noronha *et al.* (2010), por exemplo, expõem que, pelo fato de a escolha da profissão envolver um processo de autoconhecimento, o jovem apresenta um certo incômodo ao fazê-la enquanto Lara *et al.* (2005) aponta que a angústia pode ocorrer por causa do futuro, do planejamento profissional e, também, da independência financeira.

### **Motivos para a escolha profissional**

Em se tratando de motivos para a escolha da profissão Souza, Guimarães e Jeunon (2015) concluíram que no momento em que os jovens fazem a escolha, primeiramente há uma maior consideração para a realização de sonhos e valores próprios. E, em segundo lugar, vem a questão da estabilidade e segurança como retorno do trabalho. Em menor representatividade, neste estudo, vêm os recursos financeiros.

Noronha *et al.* (2010) identificam alguns motivos e razões que fazem com que os jovens optem por determinadas profissões que vão desde "características individuais a valores e crenças, situação socioeconômica, cultura e núcleo familiar" (NORONHA *et al.*, 2010, p.3). Já Mansano e Carvalho (2016) apontam que os jovens constroem a vida e opiniões baseadas nos meios de comunicação e tecnologia; logo estes meios podem vir a ser motivos para o adolescente optar por determinada profissão ou emprego.

### **Vida após a escola**

Com a finalização do estudo escolar, o jovem, normalmente, possui planos e metas para o que fará a partir do determinado momento. Normalmente, pensa-se em profissionalização e trabalhos (NORONHA et al, 2010). Os estudantes de escola pública entrevistados no estudo de Sparta e Gomes (2006), citado por Noronha *et al.* (2010), pretendiam, com a conclusão da escola, fazer um cursinho pré-vestibular ou cursos profissionalizantes ou, ainda, ter a entrada imediata no mercado de trabalho.

Outrora, nos trabalhos de Lara *et al.* (2005) e Barreto e Aiello-Vaisberg (2007), foi percebido que os jovens de classes mais baixas apresentam grande preocupação com o fator financeiro fazendo com que as oportunidades de escolha profissional sejam reduzidas uma vez que os jovens precisam ajudar suas famílias.

Uma outra possível opção para os jovens, após o término da escola, é fazer um curso técnico, contudo, no trabalho de Barreto e Aiello-Vaisberg (2007), as autoras apresentam que, fazê-lo não está nos planos dos jovens e, os mesmos, costumam não conseguir associar a realização de um curso técnico como possível facilitador para a entrada no mercado de trabalho. Contrariamente, no trabalho feito por Pereira e Garcia (2009), os alunos estudados que tiveram ensino em escolas públicas optaram por fazer um curso técnico.

### **Desigualdade**

Wlodarski e Cunha (2005) indicam que a pobreza é um fruto da desigualdade social. Os autores apontam que "no Brasil, a existência da pobreza não ocorre devido à falta de recursos e sim da desigual distribuição destes." (WLODARSKI; CUNHA, 2005, p.6). Em conformidade com os autores *supracitados*, Silva (s.d) aponta que o Brasil não pode ser considerado como um país miserável, contudo há grandes índices de desigualdade fazendo com que o país seja considerado extremamente injusto (HENRIQUES, 2001).

Como forma de diminuir os problemas que originaram a pobreza, a culpa por tal situação foi dada, segundo Wlodarski e Cunha (2005) às pessoas que se encontram nesta circunstância. Onde, estas, são consideradas pela sociedade como "vagabundas" e "desqualificadas". "O que permite culpar uma única pessoa por um problema que é criado pela sociedade e que cabe a esta resolver" (WLODARSKI; CUNHA, 2005, p.7). Por fim,

Figueiredo (2013) aponta que o trabalho é uma forma de melhoria no que se diz respeito à condição social.

Em se tratando da desigualdade racial, Heringer (2002) expõe que este tipo de desigualdade é visto de forma clara na sociedade brasileira e, segundo o autor, tal diferença resulta em graves efeitos tanto para os afro-brasileiros como para a sociedade brasileira em geral. Uma vez que a implantação do negro de forma injusta na sociedade prejudica a doutrina democrática do país. Silva (s.d) informa que a desigualdade racial pode ser definida como um conflito de culturas uma vez que a cultura considerada do "homem branco" é e sempre foi mais apreciada do que a cultura do "homem negro".

Embora existam estudos que mencionam que a situação da desigualdade racial tenha melhorado no Brasil, as diferenças entre negros e brancos ainda perduram (HERINGER, 2002). Borges (s.d) e Henriques (2001) informam que os negros brasileiros estão submetidos a um excesso de pobreza que faz com que haja uma "sobre-representação da pobreza entre os negros brasileiros" (HENRIQUES, 2001, p.13) e, isto dificulta, ainda mais, a competição social e o acesso às oportunidades para com os negros (BORGES, s.d).

De acordo com Heringer (2002) a escolaridade é vista como a principal forma de ascensão econômica uma vez que a educação pode vir a dar melhores oportunidades de emprego e rendimento. Nos estudos de Heringer (2002) e Henriques (2001) os mesmos expõem que jovens brancos apresentam uma média de dois anos a mais de estudos do que os jovens negros. Além disso, Henriques (2001) mostra, em seu trabalho, que os jovens negros apresentam rendimentos inferiores em todos os anos e para todas as séries. A frequência e o analfabetismo aparecem, segundo Henriques (2001), em maior proporção em jovens negros. Já no quesito de conclusão do estudo, de acordo com a mesma pesquisa, o nível dos negros que concluíram o ensino também é inferior se comparado ao nível de jovens brancos.

Heringer (2002) e Henriques (2001) também tratam a respeito dos negros e a empregabilidade em seus trabalhos. Heringer (2002) salienta que os afro-brasileiros se concentram em atividades, principalmente as manuais, que apresentam baixa qualificação. Além de a desigualdade estar presente no quesito da empregabilidade, Heringer (2002), Borges (s.d) e Henriques (2001) demonstram, em seus estudos, que a



desigualdade também aparece nas taxas de emprego, mercado de trabalho e valor médio diário do salário.

Heringer (2002) aponta que os negros apresentam acesso díspar a serviços como saneamento, coleta de lixo, eletricidade e condições de saúde quando comparados com os brancos. Finalmente, Henriques (2001) aponta outro quesito importante em seu estudo que é a posse de bens duráveis. Segundo o autor, a propriedade de tais bens serve como sinal do padrão de consumo individual. No estudo, comprovou-se que, em relação à posse dos bens duráveis, tanto os negros quanto os brancos tiveram um aumento ao longo do tempo. Mas, os negros, como visto até agora, apresentaram menor número de posse se comparado ao valor dos brancos.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi predominantemente qualitativa. A pesquisa qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). A escolha da pesquisa qualitativa se dá pelo fato de que este estudo quis pesquisar as percepções do corpus sobre as questões levantadas.

Para a realização deste trabalho, foram definidos como objetos de estudo jovens e adolescentes em vulnerabilidade econômica atendidos pela organização sem fundos lucrativos denominada REBUSCA em Viçosa, estado de Minas Gerais.

De acordo com o *website* da Rebusca, a Instituição foi criada por um grupo de cristãos evangélicos da Igreja Presbiteriana de Viçosa — MG —, em 21 de dezembro de 1981, após uma reflexão bíblica sobre “A Teologia da Riqueza e da Pobreza”. Desde então, tem trabalhado com o propósito de atender integralmente a crianças e adolescentes de baixa renda, visando construir uma vida digna e saudável, em parceria com suas famílias e à luz dos valores cristãos. O nome REBUSCA foi inspirado em uma lei bíblica do Antigo Testamento, que diz: “Quando fizerem a colheita, não colham até as extremidades da sua lavoura, nem ajuntem as espigas caídas de sua colheita. Não rebusquem a sua vinha, nem apanhem as uvas que tiverem caído. Deixem-nas para o necessitado e o estrangeiro.” Levítico 19:9-10 (REBUSCA).

A Ação Social Evangélica Viçosense —Rebusca— é uma instituição filantrópica que trabalha há mais de 30 anos com crianças e adolescentes de baixa renda, e suas

famílias, em Viçosa —MG —, levando-os a caminharem com segurança em direção a autonomia e cidadania, através de seus programas: Centro Educacional, Centro Estudantil, Mais Que Vencedores e Programa Integração Mãe Criança (REBUSCA).

Uma das pesquisadoras teve contato exclusivamente com os jovens do programa Mais que Vencedores — MQV — que promove ações socioeducativas complementares à escola pública. O programa visa o desenvolvimento integral dos pré-adolescentes e adolescentes, de 12 a 17 anos. E tem como meta oferecer aos adolescentes de 12 a 17 anos a oportunidade de se desenvolverem com segurança em direção à autonomia e cidadania (REBUSCA).

Um dos passos metodológicos utilizados, foi a observação participante, que ocorre quando o pesquisador é incorporado como um integrante do grupo a ser pesquisado; participando do cotidiano e das atividades, sentindo as dificuldades comuns e realizando observações sobre o grupo à sua volta (SERVA; JÚNIOR, 1995). Esta ocorreu no período de agosto a novembro de 2017. Durante este tempo, a pesquisadora frequentou a instituição estudada toda quarta-feira, de 13h30 até 16h30. E, ao chegar em casa a cada dia, a pesquisadora anotou todas as informações e ocorridos relevantes do dia em um diário on-line.

Com um total de 35 jovens, a Rebusca tem duas distintas salas com uma professora em cada. Cada semana, a pesquisadora ia para uma sala e realizava as mesmas atividades que os adolescentes; o número total de jovens variava de acordo com o dia uma vez que era comum algum adolescente faltar por motivos múltiplos como adoecimento e consultas médicas, por exemplo. Nos primeiros trinta minutos, as atividades eram jogos e brincadeiras entre os alunos ou leituras passadas pelas professoras. Após este tempo inicial, uma das pesquisadoras participava das conversas e dinâmicas em conjunto, durante uma hora, feitas por dois estudantes de Psicologia.

Foram feitas entrevistas semiestruturadas que ocorreram, após parecer de aprovação do CEP — Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UFV— parecer nº 2.638.178. Elas ocorreram na própria instituição, em um local montado para se ter exclusividade entre a pesquisadora e o pesquisado da vez. As entrevistas foram gravadas e transcritas *ipsis-literis*; além disso, foi-se utilizado um bloco de notas para observações imediatas durante as entrevistas.

As interlocuções foram realizadas apenas com os adolescentes que trouxeram o Termo de Assentimento assinado pelos pais. Então, com um total de 35 jovens, 25 participaram da pesquisa. Sendo destes participantes, doze meninas e treze meninos; com idades variando de 12 a 17 anos onde a escolaridade daqueles variava da 6ª série ao 9º ano.

Para a análise de dados da pesquisa, foi feito inicialmente um estudo com o suporte do software Nvivo e depois a análise fez a categorização das respostas.

Os nomes apresentados nos resultados são fictícios.

## RESULTADOS

### O desafio da escolha profissional

O primeiro tema questionado foi se o jovem acredita que decidir sobre qual será sua futura profissão é um desafio. Com as respostas das entrevistas, pode-se perceber que a maioria dos jovens considera a escolha profissional como uma decisão séria, assim como foi apontado por Pacheco *et al.* (2017). A resposta como da Talita, 14 anos, ilustra tais pensamentos: *"Escolher a profissão é algo sério sim porque define muito o que você vai ser quando crescer"*.

Muitos dos respondentes relacionaram a escolha profissional com o futuro mostrando que aquela é capaz de alterar este, o que apresentou conformidade com o estudo de Almeida e Pinho (2008), onde os autores apresentam que os jovens têm ciência da alteração que suas escolhas podem fazer nas suas vidas futuras. Ian, 12 anos, afirmou que a escolha da profissão é algo sério pois *"pra gente ter um futuro, a gente precisa estudar e ter uma profissão"*. Assim como Rafael, 15 anos, que falou que a escolha é séria porque *"é pra decidir o futuro"*.

Marcela e Fernanda, ambas com 13 anos, destacaram a questão de a escolha profissional ser uma decisão impermutável dizendo, respectivamente, *"é algo sério sim porque você fica nela (profissão) pra sempre, né?"* e a escolha da profissão é séria *"porque é uma escolha só"*. Dezesesseis dos entrevistados disseram que a escolha tem que ser definitiva e fixa. Hugo, 13 anos disse: *"Acho que o que eu escolher tem que ser pra sempre porque eu tenho só uma escolha só"* o que confirmou o que Pacheco *et al.* (2017) e Collognese (2000) afirmaram em seus estudos expondo que os jovens têm a ideia de que a escolha profissional é duradoura e única.

Alguns dos jovens justificaram, ainda, o fato de a escolha ser fixa. Guilherme, 14, relatou que: *"É porque trabalho não é coisa de brincar não néh... não dá pra ficar trocando ... tá em crise aí e ninguém tá querendo muito negócio... tão dispensando quase todo mundo"* Rafael, 15 anos, disse *"ah... acho que não tá tendo muito emprego... não é fácil mudar de profissão não... a escolha é única"*.

Pode-se perceber que, conforme os estudos consultados, os jovens da Rebusca consideram a decisão profissional séria e duradoura. Eles apresentaram uma cadeia de inseguranças e medos que foram observados pela pesquisadora através de gestos, esquivas e hesitações durante a conversa. Além disso, durante as visitas à Rebusca, a pesquisadora pode perceber que toda vez que surgia o assunto de profissão, seja por meio das palestras apresentadas, seja por meio das falas das professoras e (ou) estudantes de Psicologia, os jovens ficavam mais atentos do que o habitual o que fez concluir que a grande maioria daqueles claramente consegue compreender a seriedade existente por trás de assuntos como trabalho e profissões e demonstram interesse por estas questões.

### **Sentimentos em relação à escolha**

Outra pergunta feita aos adolescentes foi o que eles sentiam ao saber que teriam que escolher uma profissão em pouco tempo; embora este variasse de acordo com a idade.

Conforme respostas dadas pelos adolescentes apenas três, do total, disseram estar tranquilos quanto à escolha. Pode-se perceber que a maioria sente medo e ansiedade de não conseguir, medo de ser discriminado ou, ainda, de ter que trabalhar em outro emprego; o que vai de encontro com os trabalhos consultados onde, segundo os autores Almeida e Pinho (2008), Lara *et al.* (2005) e Noronha *et al.* (2010), a situação de escolha gera medo e ansiedade aos jovens. As falas a seguir, ilustram e complementam os sentimentos que apresentaram em seus estudos.

*Victor, 14: "Eu sinto um pouco de nervoso porque eu fico imaginando que não vou conseguir... não vou conseguir"*

*Adriana, 15: "eu me sinto muito aflita assim... porque eu fico pensando 'ai meu Deus eu tenho que escolher uma profissão'"*

*Lucas, 16: " não sei não... acho que eu tenho medo néh... de não dar certo e de não conseguir o que a gente quer"*

*Roberta, 14: "ah. um pouco nervosa... porque acho que vai ser difícil de entrar na universidade"*

*Flávia, 17: "ah... eu sinto que lá na frente vai ter muito desafio néh... a pessoa vai olhar pra mim e dizer nossa essa menina fazendo direito... eu já comentei com algumas pessoas e aí elas fala 'cê fazer direito? eu não acho que você vai conseguir fazer não'"*

Conforme relatado e percebido, os jovens entrevistados apresentam uma baixa autoestima no que diz respeito à capacidade. Durante visitas à instituição, forem presenciados momentos em que os adolescentes se colocavam para baixo como exemplo, certa vez o jovem Tales, 15 anos, disse que não iria fazer o ENEM porque ele não era inteligente e não conseguiria "chegar lá". Por mais que as professoras tentassem mostrar o contrário e usar exemplos de jovens que estudaram na Rebusca e estavam na universidade, isto parecia não fazer efeito. Talvez pelo fato de os adolescentes morarem em bairros menos favorecidos e estudarem em escolas públicas juntamente por terem uma visão da seriedade e durabilidade da profissão, como citado anteriormente, eles se sentem aquém de outros jovens que estão em situações reconhecidas como melhores e (ou) mais favorecidas.

### **Motivos para a escolha profissional**

Interrogou-se quais foram ou são os motivos que os levaram a escolher a profissão desejada. Como resultado, percebeu-se que oito dos entrevistados citaram a habilidade como fator principal para a escolha da determinada profissão. Roberta, 14 anos respondeu que achava que ela tinha um "pouquinho" de habilidade e Felipe, 15 anos, relatou que "*a habilidade conta muito na hora de escolher o que fazer*". Respostas em que a habilidade foi considerada motivo principal não apareceram nos estudos consultados pela pesquisadora.

Enquanto no estudo de Souza, Guimarães e Jeunon (2015) a questão financeira teve menor representatividade, o segundo motivo mais apresentado como causa para a escolha da profissão, neste trabalho, foi a questão e expectativa financeira. O que condiz com o apresentado por Noronha *et al.* (2010) em que a situação socioeconômica e a vontade de ascendência é citada como possível razão para a escolha de uma profissão. O jovem Felipe, 15, relatou que além da habilidade, o dinheiro que se pode ganhar trabalhando

também é muito importante. Tales, 15 anos, disse: "*é lógico que vou pensar no dinheiro, néh a gente trabalha é pra ganhar dinheiro... e aprender com a profissão também néh*".

Dos entrevistados, quatro relataram ter como motivo o fato de a profissão ser boa para o jovem o que também foi apresentado por Noronha *et al.* (2010) uma vez que as respostas entram no quesito "características individuais". Além disso, Mateus, 14, demonstrou que o principal motivo de ter escolhido a profissão foi através de influência e aprendizado por uma mídia social: "*é porque eu assisto muito esse negócio de televisão*", em que esta fala concorda com o que foi apresentado no estudo de Mansano e Carvalho (2016).

Analisando as respostas dadas pelos respondentes, conclui-se que os jovens, em sua maioria, não conseguiram citar os motivos de suas possibilidades de profissões. Uma possível justificativa para a deficiência nas respostas pode ser pelo fato de os jovens, na sua generalidade, ainda não terem concretizado a verdadeira profissão que querem assumir ou ainda pelo fato de o motivo da escolha da profissão não ser uma questão tão debatida.

### **Influência na escolha profissional**

Quando perguntados quem os influenciavam na escolha profissional, a família foi a principal resposta dos jovens. Adriana, 15 anos, relatou que a mãe se envolve no processo de decisão profissional dizendo que ela deve fazer o que for melhor para ela mesma. Enquanto isso, Lara, 13 anos, percebe a influência e envolvimento dos pais através da educação.

Por meio das respostas das meninas, percebe-se o tipo de influência classificada como tênue que é apresentada nos estudos de Pacheco *et al.* (2017) e Almeida e Pinho (2008).

Sabrina, 14 anos, relata que "*o problema da minha família é que muitas vez eles quer que a gente faz uma coisa que dá dinheiro, que dinheiro ajuda mas dinheiro não compra felicidade aí às vezes acaba falando pra gente fazer uma coisa que [a gente] não quer*" (*sic*).

O dito exemplifica a expectativa gerada pela família em que a mesma dá conselhos sobre profissões com o propósito de ascensão financeira do indivíduo, fatos estes demonstrados na publicação de Almeida e Pinho (2008).

Além disso, na fala de Fernanda, 14 anos, percebe-se o que Almeida e Pinho (2008) relataram; quando uma profissão do responsável não correspondida vem a ser a profissão que o adolescente almeja trabalhar:

*"meu pai quando tava fazendo o 3º ano do ensino médio ele não conseguiu se formar porque na época ele trabalhava né.. e na época ele gostava muito de animais e até hoje gosta muito e ele falou que queria ser veterinário aí eu também gosto muito de animais e meu pai já falou isso aí eu pensei que podia fazer isso sabe. (sic)"*

Aproximadamente metade dos entrevistados, doze do total, relataram não conversar com os pais sobre profissões. Existem possíveis explicações para este número de respostas que pode ser a ideia defendida no estudo de Lara *et al.* (2005), onde os autores acreditam que a justificativa para a falta de percepção dos jovens quanto a influência dos pais seja a sutileza da influência familiar, ou também, uma outra explicação pode vir segundo os estudos de Colognese (2000) onde o autor conclui que os responsáveis vêm passando a orientação profissional para professores e outros profissionais considerados por aqueles como mais capacitados.

Como mostrado no estudo de Almeida e Pinho (2008) os pais podem impedir que os filhos realizem a mesma profissão deles por possíveis frustrações no trabalho. Durante a conversa com Letícia, 15 anos, ela contou que a mãe fazia faxina para outras pessoas. E, no decorrer da entrevista, Letícia disse que os pais "*falam que eu tenho que ser 'isso' senão eu vou ficar trabalhando em casa de família e não vou ter futuro bom*". Com esta fala, a pesquisadora pôde supor que os pais não querem que a jovem tenha o mesmo futuro da mãe "trabalhando em casa de família" demonstrando, então, possíveis frustrações, sejam elas financeiras ou não, em relação ao trabalho da mãe.

Ao serem questionados se eles percebiam que os amigos influenciavam na escolha profissional, a maioria respondeu entender que havia certa influência no grupo de colegas.

Quando se perguntou sobre o que os jovens falavam com os amigos, a respeito do futuro profissional, Mateus, 14, respondeu que "*a gente fica falando o que que vai ser quando crescer*". Giovanni, 16, disse que eles conversam sobre "*que que eles vai ser... o curso... por que que eles decidiram escolher*" (sic) Adriana, 15, expôs que "*a gente troca informação sobre os cursos mesmo*". Tais respostas vão de acordo com o que foi redigido

por Lara *et al.* (2005) e Pereira e Garcia (2007), onde os amigos são capazes de influenciar e se apoiar no que diz respeito às profissões e suas escolhas.

Ao serem questionados sobre quais lugares os adolescentes sentiam influência, muitos enumeraram mostrando, com isso, que eles possuem mais de uma opção de local influenciador. A escola foi citada como um elemento influenciador pela maior parte dos respondentes. Tal fato corrobora com os estudos de Pacheco *et. al* (2017) e Almeida e Magalhães (2011). Eduardo, 13 anos disse que "*de vez em quando tem palestra com as profissões na escola ... aí ajuda*".

Do total, dezoito disseram que a Rebusca apresenta algum tipo de influência. Eliana, 14, afirmou que a professora "*fala pra gente não desistir da profissão que quer*". Felipe, 15, revelou que "*eles incentivam muito no estudo aqui (Rebusca)... mandam estudar*". Hugo, 13, pronunciou dizendo que a influência ocorre "*no treino de futebol*". Rafael, 15, também disse que o campo de futebol o incentiva. As respostas anteriormente citadas confirmam o dito por Lara *et al* (2005) onde um ambiente abundantemente frequentado pelo jovem pode vir a ser um lugar onde existe determinada influência quanto à escolha profissional.

Roberta, 14 anos, não hesitou ao responder que a influência sentida por ela ocorria na igreja; um dos ambientes citados no estudo de Pacheco *et. al* (2017) e também bem frequentado pela mesma, o que vai ao encontro do demonstrado no estudo de Lara *et al* (2005).

Portanto, para os jovens entrevistados, os amigos e os ambientes mais frequentados, sendo a Rebusca um deles, são capazes de influenciá-los no que diz respeito à escolha profissional.

O que foi percebido pela pesquisadora tanto durante as visitas como também durante as conversas foi que as professoras da Rebusca procuram sempre mostrar aos jovens que eles são capazes de realizar seus sonhos, independente do que seja. Além disso, acredita-se que elas conseguem prepará-los para o "mundo" após a porta da instituição. Tais desempenhos condizem com o que a associação prega na missão: direcionar, desenvolver e transformar os jovens que lá frequentam.

## **Vida após a escola**



No momento em que os adolescentes foram interrogados sobre quais planos eles têm para quando saírem da escola, a resposta mais comum foi fazer o ENEM para entrar na universidade; como a Adriana, 15 anos, que disse "*vou fazer vestibular e vou focar mais na universidade*". Já Victor, 14, foi o único que disse que fará um curso técnico assim que sair da escola. Embora apenas um dos respondentes tem como desejo fazer curso profissionalizante, esta resposta corresponde ao dado apresentado no estudo Noronha *et al.* (2010).

Do total, três demonstraram vontade em fazer cursinho para o vestibular após a saída da escola; assim como também demonstrado no trabalho de Noronha *et al.* (2010). Sabrina, 15, disse que, com a ajuda de cursinho, "*eu pretendo ficar tentando até conseguir porque igual minha mãe falou uma hora a gente passa*". Flávia, 17, relatou: "*pretendo fazer cursinho pra passar na universidade, néh*".

Outros três jovens relataram pretender trabalhar imediatamente após a saída da escola. Arthur, 17, respondeu que pretende "*arrumar um serviço e ajudar minha família*". Já Lucas, 16, disse que quer arrumar um emprego porque "*esses trem de estudar não é comigo*". O que também vai de acordo com o apresentado no trabalho de Noronha *et al.* (2010) onde os autores citam que certos jovens optam pela entrada imediata no mercado de trabalho.

Onze jovens dos jovens entrevistados têm como meta estudar e trabalhar simultaneamente para ajudar em casa e (ou) se sustentar, o que vai ao encontro do exposto pelo trabalho de Lara *et al.* (2005) e Barreto e Aiello-Vaisberg (2007), em que os jovens têm preocupações com as questões financeiras; procurando, portanto, começar a trabalhar para aliviar a situação orçamentária familiar. Talita, 15 anos, respondeu "*acho que dá pra tentar fazer os dois né... É bom pra poder sustentar e melhorar a vida*" Letícia, que tem a mesma idade, respondeu "*Se der pra mim trabalhar prefiro trabalhar e estudar que aí eu posso ajudar a minha família em casa e depois ter um futuro bom também, né?*" (*sic*) Marcela, 17, compartilha da mesma ideia quando disse "*quero ir pra faculdade mas trabalhar também... pra sustentar minha casa né...*".

Foi percebido pela pesquisadora, seja durante as visitas, seja durante as entrevistas, que os jovens apresentam um desejo de ajudar a família. Esta vontade pode ocorrer em função do desejo de ascensão ou também como retribuição por tudo o que a família faz. Pelo fato de a Rebusca trabalhar muito para que haja uma valorização familiar bem como

do ambiente familiar em si, isto pode acabar despertando essa vontade de compensação e agradecimento nos jovens. Além disso, acredita-se que a ascensão financeira pode estar associada à vontade de ter melhores condições e também maiores posses.

Falas como a de Hugo, 13 anos, ilustra o que foi dito acima: *"com trabalho é pra ajudar minha mãe e meu pai pra muitas coisas e também pra quando eu tiver meu filho pra eu dar as coisa que ele quer"* e quando ele diz *"se não trabalhar a gente não ganha dinheiro pra ajudar a família sem trabalho a gente não é nada não"*. Ainda, há a fala de Felipe, 15, que ilustra a questão de posse: *"trabalhar eu posso ter meu dinheiro pra comprar o que eu quero"*.

Quando interrogados se tinham intenção de fazer um curso técnico, ao terminar o ensino na escola, dezoito dos participantes disseram desconhecer o que seja um curso técnico. Uma possível explicação para o elevado número de jovens que não dominam a existência do curso técnico pode ocorrer em conformidade com o trabalho de Barreto e Aiello-Vaisberg (2007), em que as autoras falam que fazer um curso técnico não está nos planos dos jovens e os mesmos costumam não conseguir associar a realização de tal curso como possível facilitador para a entrada no mercado de trabalho.

No trabalho feito por Pereira e Garcia (2009), os alunos que estudam em escolas públicas optaram por fazer um curso técnico. E embora os alunos interrogados nesta pesquisa sejam todos estudantes de ensino público, apenas dois responderam que pretendem fazer sendo que, outros dois, responderam que talvez farão.

Deduz-se, portanto, que os cursos técnicos deveriam ser mais divulgados nas escolas públicas; uma vez que o mesmo pode abrir portas e colocar os jovens à frente de tantos outros. Imagina-se que, pelo fato de os cursos serem mais raros na cidade de Viçosa — Minas Gerais — ou pelo fato de existirem escolas móveis que ficam, por um tempo, dentro da Universidade, e não um espaço físico e fixo, os jovens não apresentam tanto conhecimento sobre cursos técnicos não sabendo, assim, da sua importância e utilidade.

### **Desigualdade: a percepção na Rebusca**

Após o período de observação e contato com os jovens do programa, percebe-se que o contexto em que vivem fornece reduzidas oportunidades que possam subsidiar suas escolhas profissionais, mostrando assim o contexto de desigualdade em que vivem se comparados a outros jovens, de escolas particulares por exemplo. Portanto, a afirmação

de Heringer (2002) é válida, uma vez que o mesmo nos apresenta que, na sociedade brasileira, a desigualdade pode ser percebida de forma clara e facilmente.

Os jovens pertencentes à associação, mais especificamente ao MQV, apresentam idade entre 12 e 17 anos e a maioria não negros. Em uma das oficinas ocorridas, a estudante da vez perguntou quem estava no ensino médio e, para surpresa da pesquisadora, nenhum dos jovens estavam no ensino médio; mesmo aqueles que, por idade, já deveriam estar cursando este grau de estudo. Tal fato vai ao encontro das informações apresentadas nos estudos de Heringer (2002) e Henriques (2001) onde o jovem branco apresenta um nível maior de escolaridade do que o jovem negro além de os mesmos apresentarem, segundo estudo dos autores citados, rendimentos mais baixos em relação aos estudantes brancos.

Um outro ponto destacado no estudo de Heringer (2002) e que também chamou atenção foi o fato de os afro-brasileiros, de acordo com o autor, se concentrarem em atividades de baixa qualificação ou atividades mais braçais exigindo pouco esforço intelectual. Durante a entrevista, pode-se perceber que muitos dos jovens têm o desejo de trabalhar com serviços que demandam tarefas mais manuais como: mecânico, manicure, cabeleireira e marceneiro.

É perceptível que os jovens da Rebusca apresentam certo tipo de receio quanto ao futuro e muitos respondem que querem trabalhar para poder sustentar suas famílias e comprar as coisas que eles gostam. Percebe-se, também, que eles apresentam um certo receio de serem julgados ou de não serem aceitos na sociedade. Como observa-se na fala de Eliana, 14 anos, "*eu tenho medo... de entrar numa profissão e as pessoas me julgarem... ri da minha cara...*" (sic). Tais sentimentos são fruto da desigualdade racial.

Um outro ponto ressaltado por Henriques (2001) e muito observado durante as visitas e conversas pela pesquisadora foi a respeito da posse de bens duráveis. Os jovens, por apresentarem certa vulnerabilidade socioeconômica, muitas vezes não têm acesso a aparelhos como notebook e celular. Durante uma das conversas da pesquisadora com a professora, ela relatou que um garoto, aqui tendo nome fictício de Victor e sendo ele um dos jovens em com maior vulnerabilidade (segundo a professora), chegou, certo dia, triste para ela e disse "*aqui todo mundo é pobre, mas eu fico triste que pelo menos todo mundo tem celular e nem isso eu tenho*".

Outro momento que também vale ressaltar, ainda neste quesito de posse, foi quando a professora chegou para a pesquisadora e pediu para que ela reparasse na roupa dos meninos e na repetição que eles a usavam. Depois de alguns dias, a pesquisadora percebeu que muitos usavam a mesma roupa a semana toda; quando não usavam o próprio uniforme escolar. Além disso, foi observado que muitas roupas eram doadas para os jovens, chegando a ocorrer, inclusive, brigas quando uma nova roupa chegava e ficava disponível para os meninos que vestiam o mesmo tamanho. A desigualdade pôde ser observada nos mínimos e nos grandes detalhes pela pesquisadora durante toda a jornada.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve como objetivo principal analisar as escolhas e intenções profissionais de jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica bem como averiguar os efeitos da desigualdade social na escolha de uma profissão e este objetivo foi atendido pela pesquisa, conforme demonstrado no capítulo anterior. Para que o objetivo geral fosse alcançado, foi necessário estabelecer objetivos específicos como: identificar a percepção sobre planos de carreira dos jovens, identificar e analisar as escolhas dos jovens e adolescentes quanto ao seu futuro profissional e levantar qual o conhecimento que os jovens têm sobre o atual mercado de trabalho e suas oportunidades. Todos os objetivos estabelecidos foram alcançados com êxito, uma vez que a pesquisa apresentou questionamentos relacionados ao tema e esses foram plenamente respondidos.

Conclui-se que no que diz respeito ao desafio da escolha profissional, os jovens objeto deste estudo acreditam que escolher uma profissão é algo sério e, para a maioria, a escolha é única; portanto, ao escolher uma profissão, os jovens creem que eles devem trabalhar naquela permanentemente. Foi observado, também, que grande parte dos entrevistados apresentou certo receio por ter que fazer a escolha profissional tendo, como principal motivo, o temor por talvez não conseguir exercer a profissão desejada.

Pôde-se entender melhor quais tipos de influência os jovens sentem para com as pessoas; sendo a influência sofrida no ambiente que eles frequentam — a Rebusca — a mais notada. Em segundo plano, veio a influência sentida através de conversas com os amigos.

Em relação à vida após a escola, por fim, o fator mais acentuado, durante as conversas, foi a necessidade, vista pelos jovens, de trabalhar e às vezes até mesmo

trabalhar e estudar simultaneamente para ajudar os responsáveis e familiares que cuidam e zelam pelo adolescente.

Em se tratando de desigualdade, percebeu-se, pelo material consultado, que embora exista um avanço naquela, muito ainda deve ser feito para que haja uma igualdade racial no Brasil. Como, por exemplo, deve-se existir uma igualdade de oportunidades, trabalho e salário, e também uma igualdade e valorização da cultura do negro. Esta necessidade foi comprovada pelo que foi visto e vivenciado na Rebusca

Essa pesquisa contribuiu para que se pudesse compreender pensamentos e opiniões de jovens, muitas vezes, ignorados pela sociedade. Embora no começo tenha sido difícil manter contato com o grupo de jovens, com o passar do tempo, criou-se certo laço entre pesquisador e grupo o que facilitou o trabalho, as entrevistas e as conversas. Logo, entendeu-se a importância da observação participante; metodologia utilizada ao longo da pesquisa.

Sugerem-se como foco para pesquisas futuras análise dos pensamentos de planos de carreira, escolhas profissionais e ações pós-ensino escolar de jovens em outras situações sociais; como, por exemplo, jovens que estudaram em escolas particulares. Outrossim, estudar a vida e a percepção de jovens que passaram por Ações Sociais ou Instituições — como a Rebusca — e conseguiram chegar à Universidade. A contraposição de um estudo dos dois tipos de jovens, daqueles que estudam em escola pública e outros que estudam em escola particular poderá trazer importantes e interessantes informações sobre a percepção dos jovens e adolescentes sobre sua formação e carreira. Por fim, os resultados podem ajudar em políticas públicas de apoio e formação educacional desses dois grupos de jovens e adolescentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIB, Gustavo; HOPPEN, Norberto; HAYASHI JUNIOR, Paulo. **Observação participante em estudos de administração da informação no Brasil**. Revista de Administração de Empresas, v. 53, n. 6, p. 604-616, 2013.

ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba de; PINHO, Luís Ventura de. **Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional**. *Psicol. clin.*, p. 173-184, 2008.

ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba; MAGALHÃES, Andrea Seixas. **Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar.** Revista Brasileira de Orientação **Profissional**, v. 12, n. 2, p. 205-214, 2011.

BARRETO, Maria Auxiliadora; AIELLO-VAISBERG, Tania. **Escolha profissional e dramática do viver adolescente.** Psicologia & Sociedade, v. 19, n. 1, p. 107-114, 2007.

COLOGNESE, Solange Colello. **O adolescente e a escolha profissional.** Interações estud. pesqui. psicol, v. 5, n. 9, p. 111-125, 2000.

FERREIRA, M. B. S. **A decisão do jovem do ensino médio sobre a escolha pela profissão e suas influências.** 2017. 55f. Trabalho Final de Curso - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

FIGUEIREDO, Joseane Gomes. **Desigualdade Social e Capitalismo: os limites da igualdade sob a ordem burguesa.** Jornada Internacional de Políticas Públicas, p. 1-9, 2013.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo; Organizadores. **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social.** São Paulo: 1989.

HENRIQUES, Ricardo. **Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90.** Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

HERINGER, Rosana. **Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas.** Cadernos de Saúde pública, v. 18, p. S57-S65, 2002.

LARA, Luciane Dianin; DE ARAÚJO, Maria Carolina Schober. **O adolescente e a escolha profissional: compreendendo o processo de decisão.** Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, v. 9, n. 1, 2005.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. **Para além da escolha profissional, experimentações intensivas.** Psicologia em Revista, v. 17, n. 1, p. 67-81, 2011.

MANSANO, Sonia Regina Vargas; DE CARVALHO, Paulo Roberto. **Escolha profissional: um campo de batalha.** Revista Espaço Acadêmico, v. 16, n. 184, p. 24-34, 2016.

MORITA, Ione. **A questão do trabalho**: análise conceitual de uma variável fundamental na reprodução social. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 41, n. 2, p. 82-88, 2005.

NORONHA, Ana Paula Porto *et al.* **Relações entre interesses, intenções e critérios de escolha profissional**. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, v. 1, n. 1, p. 2-25, 2010.

PACHECO, Márcia Maria Dias Reis *et al.* **O adolescente e a escolha profissional**. Educação, Cultura e Comunicação, v. 8, n. 15, 2017.

PEREIRA, Fábio Nogueira; GARCIA, Agnaldo. **Amizade e escolha profissional**: influência ou cooperação?. Revista Brasileira de Orientação Profissional, v. 8, n. 1, p. 71-86, 2007.

PEREIRA, Fábio Nogueira; GARCIA, Agnaldo. **Amizade e escolha profissional**: um estudo com alunos de escolas particulares e públicas. Pesqui. prá. psicossociais, v. 4, n. 1, p. 61-71, 2009.

REBUSCA. Disponível em: <http://rebusca.org.br/website/>. Acesso em 02 de junho 2018.

ROSSI, Sônia Maria Morro. **Escolha Profissional**: A Questão do Ser é Estar na Família.. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 3, n. 2, 1999.

SANTOS, Juliana Anacleto dos. **Desigualdade Social e o Conceito de Gênero**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

SERVA, Maurício; JAIME JÚNIOR, Pedro. **Observação participante pesquisa em administração**: uma postura antropológica. Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 3, p. 64-79, 1995.

SILVA, Felipe Gava. **Desigualdade social no Brasil**. ETIC-ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-ISSN 21-76-8498, v. 8, n. 8, 2012.

SILVA, Késia Aparecida Teixeira *et al.* **Ser Prostituta**: o sentido do trabalho moralmente inaceitável. GESTÃO. Org-Revista Eletrônica de Gestão Organizacional, v. 11, n. 2, p. 215-246, 2013.

SOUZA, Aldo César Bianchi.; GUIMARÃES, Eloísa Helena Rodrigues.; JEUNON, Ester Eliane. Comportamento de consumo de serviços educacionais: **Fatores**

**influenciadores na escolha de formação profissional.** Anais do Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade, 2015.

TEIXEIRA, M. A. R.; HASHIMOTO, F. **Família e escolha profissional:** A questão espacial, temporal e o significado dos nomes. Pulsional Revista de Psicanálise, v. 18, n. 182, p. 63-73, 2005.

TEIXEIRA, Marco Antônio Rotta; HASHIMOTO, Francisco. **Família e escolha profissional:** a questão espacial, temporal e o significado dos nomes. Pulsional Revista de Psicanálise, v. 18, n. 182, p. 63-73, 2005.

TEIXEIRA, Marlene; CHAMORRO, Deise Marques. **Adolescentes e primeiro emprego:** da produção da experiência à estruturação subjetiva. ALFA: Revista de Linguística, v. 49, n. 2, 2005.

WLODARSKI, Regiane; CUNHA, Luiz Alexandre. **Desigualdade social e pobreza como consequências do desenvolvimento da sociedade.** IX simpósio internacional processo civilizador. Ponta Grossa, 2005.